

as suas ideias. E uma grande, um autêntico artista nunca assim procede. O grande, o genuíno artista não se interessa por vender ideias a ninguém. O que deseja é que as pessoas as desfrutem. Nada mais. Pound é um vendedor americano antiquado, embora com algumas ideias aproveitáveis.

V. H. — Então, em sua opinião, quem é ou foi o mais claro, melhor, o mais «clarividente» de todos os escritores da literatura americana? Porventura Faulkner?

M. M. — Oh, de modo algum! É sem dúvida Eliot, porque Eliot é um autêntico americano. É sem dúvida ainda o maior. Estou a pensar em *Os Quatro Quartetos*. É a sua obra-prima. Ele compreendeu à maravilha o contraste entre o Oriente e o Ocidente. Em *The Four Quartets* enfrentou ambos e resolveu o enigma. Abandonou o budismo e transferiu-se para o hinduísmo nas suas últimas obras. *Hollow Men* e *Waste Land (A Terra Baldia)* são de cariz budista, mas *The Four Quartets* é nitidamente hindu Krishna. E isto constitui um processo — a compreensão do processo. O budista é um lutador — não compreende o processo — e quer impor a todo o custo os seus planos. É um visionário. O hindu compreende, interpreta o processo e segue-o. Joyce é, neste sentido, o maior de todos. Compendiu os processos, e a liberdade só é conquistável através da compreensão dos processos.

V. H. — Mas isso, em Joyce, não era científico ou consciente, era apenas intuitivo. Não possuía um sistema, antes uma intuição poética.

M. M. — Não! Ele foi a inteligência mais poderosa do seu século. O único grande intelectual europeu do século XX chamou-se James Joyce. Compreendeu e absorveu as tradições antigas dos Gregos e dos Romanos. Compreendeu igualmente todas as tradições medievais e as da própria Igreja. Além de as compreender a todas fez também uso de todas, compreendendo também o Oriente. Utilizou-as a todas e nem por isso intentou vendê-las. Tão-pouco tentou promovê-las ou impô-las fosse a quem fosse. Não fez mais que interpretá-las e compor a sua música de acordo com elas. Foi o único ser humano da história do mundo ocidental que compreendeu os métodos orientais e ocidentais. Mas era uma pessoa calma, desprovida de paixões. Excepto pela tia.

V. H. — E também por sua mulher.

M. M. — À luz da nossa época da electricidade, considero-o o único grande visionário deste século.

V. H. — Sou de opinião que todos os escritores cuja existência activa coincidiu com a queda do Império Austríaco tiveram uma intuição muito pessoal e também muito característica desses valores,

como foi o caso de Rilke, Kafka, Broch, Musil com o seu importante romance *O Homem sem Qualidades*. E também Italo Svevo, que era de Trieste e amigo de Joyce. Todos eles desempenham uma função essencial na literatura deste século.

M. M. — Evidentemente. Mas o que realmente acontece é as pessoas não se sentirem agulhoadas pelo desejo de saber. São na verdade muito poucas as pessoas que desejam realmente saber. Muitas pessoas assustam-se e desistem. São muito poucas as que desejam prosseguir até final e ver realmente o fim das coisas. Todos os escritores que citou parecem assustados, aterrados mesmo, coibidos. Não tiveram valor bastante para prosseguir até ao fim. Cedem-se detêm e terminam nessa altura a sua grande obra. Cedem interrompem as suas observações, emolduram-nas e servem-nas ao senhor e a mim devidamente empacotadas.

V. H. — Como se fosse uma droga, uma limitação.

M. M. — É um processo muito cómodo. As últimas palavras de Joyce na última página do seu livro são «The keys to given» — a chave do problema. É isso: as chaves de todos os problemas. Tudo o que foi proposto neste mundo, eis as chaves. Sirvam-se delas, todos. Servem em todas as fechaduras, abrem, devassam todas as incógnitas. Eu ligo pouca importância ou nenhuma aos que especulam a meu respeito. Nunca acredito no que se escreve a meu respeito. Não me interessa, porque na verdade não acredito que a opinião de alguém sobre alguém tenha qualquer importância. Nem vejo que possa interessar a alguém, excepto às pessoas que o dizem. Não tento vender seja o que for nem tenho o menor desejo de impor os meus pontos de vista. Excepto como chave para o método, pois parece-me que, se se deseja possuir uma chave, é certamente para utilizá-la. Portanto, em vez de se ocuparem de mim, porque não fazem ou remedeiam algo de útil? Há tanto, tanto por fazer, por sarar neste mundo!

V. H. — A perspectiva literária não é uma boa perspectiva para se compreender o Mundo neste momento. São muito poucas as pessoas — os romancistas — que compreendem satisfatoriamente o que agora se passa. Continuam a escrever como se estivessem ainda em pleno século XIX.

M. M. — Mais não fazem que exprimir os seus verdadeiros pontos de vista pessoais, os seus sentimentos, quando toda a gente está embrechada no seu tempo e a seu modo. Que utilidade poderão já ter as opiniões de cada um, seja sobre o que for? Não acredito que os pontos de vista pessoais sobre o quer que seja sirvam para alguma coisa. É o caso do marxismo. Marx foi um homem do século XIX. Ou antes, do século XVIII, pois em boa verdade nunca atingiu o es-